

PRECISAMOS DE US\$ 11 BILHÕES.

em Nova York. Mas os bancos dizem que só devem entrar com 4 bilhões, dos 6,5 bilhões de dólares que lhes caberia.

GALVÊAS:

Ele fez esse pedido aos credores,

O ministro da Fazenda, Ernane Galvêas declarou ontem, em Nova York, que o Brasil irá necessitar de 11 bilhões de dólares em novos empréstimos para cobrir o furo no seu balanço de pagamentos pelo restante de 1983 e para 1984. E expressou confiança de que será capaz de levantar este dinheiro.

— Nós conseguiremos dois bilhões das nossas necessidades através do Club de Paris —, disse Galvêas — o que reduz as nossas necessidades de outras fontes para apenas nove bilhões de dólares. Esta quantia viria de instituições governamentais e bancos privados, e eu tenho certeza de que nos será fornecida.

Galvêas, juntamente com Afonso Celso Pastore, presidente do Banco Central brasileiro, está desde quinta-feira em Nova York, negociando com banqueiros privados para conseguir novos empréstimos antes de dirigir-se a Washington para participar da reunião anual do Fundo Monetário Internacional.

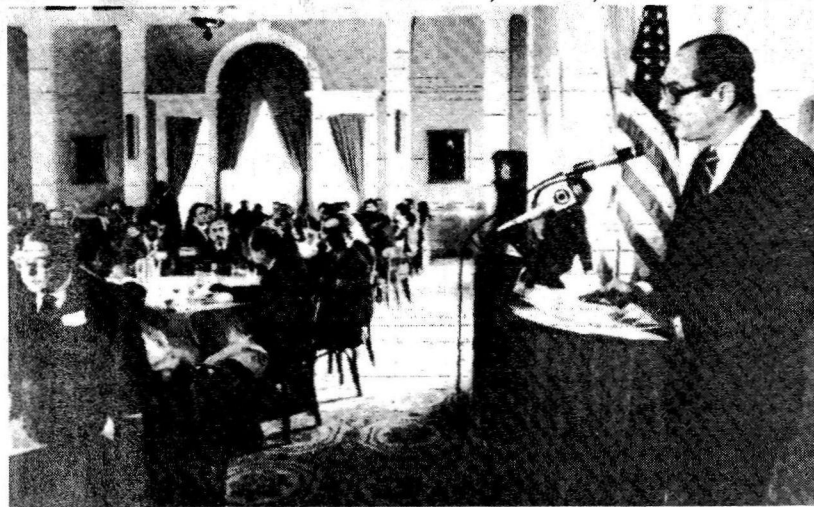
Pedido: 6,5 bilhões.

Galvêas e Pastore não revelaram quanto destes nove bilhões eles estão tentando levantar junto aos bancos particulares, mas um banqueiro norte-americano disse que as discussões iniciais diziam respeito a seis ou 6,5 bilhões de dólares.

Outro banqueiro, observando que as instituições privadas já estão sobrecarregadas com empréstimos concedidos ao Brasil e estão fazendo o possível para manter suas exposições neste país no nível mínimo necessário, disse: "Os brasileiros poderão considerar-se felizes se conseguirem extrair de 3,4 a quatro bilhões de dólares em dinheiro novo de nós". Mas ele rapidamente admitiu que as negociações continuam sendo realizadas e que as "coisas ainda podem mudar" entre agora e o término das discussões.

— Eu acredito que teremos mais sorte do que este banqueiro norte-americano acha — respondeu Ernane Galvêas.

O ministro da Fazenda contou que as negociações iniciadas em Nova York com os banqueiros privados deverão continuar em Wa-



Galvêas aos mais de 200 empresários que foram ouvi-lo ontem, em Nova York: "O Brasil não é um país desesperado".

shington durante a reunião anual do FMI, chegando a uma conclusão antes de meados de outubro. Afonso Pastore disse que pretende retornar a Nova York em dias da próxima semana para continuar com sua participação nas negociações.

Preocupação dos bancos

Ernane Galvêas admitiu que os banqueiros internacionais que integram o comitê de consultoria dos empréstimos brasileiros, com 14 membros, e com o qual as negociações estão sendo realizadas, se mostraram preocupados com o fato de o Decreto nº 2.024 não ter sido aprovado. Mas achou que esta preocupação teve pouco impacto sobre as negociações.

— O fato do 2.024 ter sido rejeitado é uma coisa política, não econômica — disse ele, acrescentando que continuava "muito confiante" de que o Decreto nº 2.045, que é bem mais importante na opinião dos banqueiros, será aprovado, porque o Congresso entende a sua importância para o progresso econômico da Nação.

Galvêas disse que, apesar de o Brasil estar no momento com um

atraso de aproximadamente 2,5 bilhões de dólares no pagamento de dívidas, os banqueiros "não nos estão pressionando. Nossas dívidas em atraso", disse ele, "são um problema para nós e para eles também. Além disto, eles sabem, pelo nosso currículo, que tentaremos fazer o melhor que pudermos".

Ele assegurou, ainda, que nas conversações realizadas aqui, no decorrer dos dois últimos dias, não houve negociações de quaisquer "empréstimos-ponte" a curto prazo para cobrir estes atrasos e para se encerrar o ano com uma pequena reserva cambial.

"Nós chegaremos a isto", disse ele, "depois que as negociações mais importantes tiverem sido encerradas."

Com empresários

Além de dar uma entrevista coletiva à imprensa, antes de sua partida para Washington, Ernane Galvêas discursou ontem num almoço realizado na Câmara Brasil-Estados Unidos de Comércio.

Uma multidão formada por mais de duzentos empresários e banqueiros compareceu a este almoço — diversos tiveram de ser barrados por falta de espaço — aparentemente esperando um discurso de muita importância. Mas eles ficaram desapontados.

Ernane Galvêas recapitulou brevemente o forte crescimento econômico do Brasil nas décadas do Pós-Guerra, antes do início da atual crise econômica mundial, e disse que os seus problemas atuais são causados em grande parte por "fatos e políticas completamente fora do nosso controle".

— Nós estamos enfrentando problemas financeiros e de liquidez que são extremamente agudos, mas o Brasil não é um caso de insolvência e nem é um país desesperado — disse Galvêas. Os bens do Brasil são infinitamente maiores do que seus débitos, suas capacidades mais elevadas do que as suas faltas.

Ele disse que o Brasil está trabalhando no sentido de uma expansão do comércio internacional porque "é óbvio que, através do comércio internacional, é que seremos capazes de gerar os fundos necessários para pagar as nossas dívidas".

Numa estimativa conservadora, disse Galvêas, o Brasil foi privado de aproximadamente 48 bilhões de dólares num período de cinco anos, devido a perdas nos mercados de exportação e a quedas nos preços de commodities e da deterioração dos termos comerciais.

John Alius, de Nova York.